

11 de setembro

CONSEQUÊNCIAS DO ATENTADO AINDA MOVIMENTAM A GEOPOLÍTICA

Por Bruno Laforé
e Isabel Harari

O impacto das aeronaves nas Torres Gêmeas e no Pentágono destruiu edifícios e construiu uma nova ordem mundial

Na manhã do dia 11 de setembro de 2001, terça-feira, às 7h58 e 7h59 (horário local), decolaram de Boston duas aeronaves Boeing 767. Às 8h48 e às 9h03, os aviões, seqüestrados e desviados de suas rotas originais, colidiram, respectivamente, com as torres Norte e Sul do World Trade Center, em Nova York. Com uma força equivalente a aproximadamente mil vezes seu próprio peso e velocidade estimada de 450 km/h, os aviões provocaram um tremor de 2.4 graus na escala Richter. Os tanques cheios de combustível e a alta temperatura gerada pelo impacto com os edifícios promoveram uma enorme explosão e, conseqüentemente, o amolecimento das estruturas de aço que constituíam os prédios. As torres vieram a baixo.

O Boeing 757 também teve seu destino alterado naquele dia. Decolou às 8h10, do aeroporto de Dallas, e colidiu com a parte sudoeste do prédio do Pentágono, em Washington, destruindo parte do complexo. Outro Boeing, proveniente do aeroporto de Newark, às 8h01, que, ao que tudo indica, tinha como alvo a Casa Branca, foi interceptado pela força aérea americana, da manhã e desabou às 10h10 em Shanksville, Pittsburgh.

Os 266 passageiros e tripulantes das quatro aeronaves não sobreviveram para tomar conhecimento do impacto que os ataques, dos quais foram coadjuvantes, causaram. O evento contribuiu para a mudança dos rumos da geopolítica mundial.

A reação inicial à primeira colisão foi a de um acidente, porém, após o ataque à segunda torre, o governo americano concluiu, ainda sem provas nem evidências, de que se tratava de um ato terrorista proveniente de uma associação islâmica, a Al-Qaeda.

Terrorismo – A palavra terrorismo aparece na história, pela primeira vez, durante a Revolução Francesa. Robespierre, líder jacobino, considerava o terrorismo uma virtude e afirmava, ao se definir: “Eu sou o terror”. A partir de então, cada povo ou nação utiliza a palavra de uma maneira que reflete o contexto político e social em que estão inseridos.

Segundo o cientista político e professor do Departamento de Política da PUC-SP, Reginaldo Nasser, “o terrorismo, enquanto fenômeno é uma ação que envolve violência ou ameaça do uso da violência, que tem um apelo psicológico muito forte e que, por vezes, escolhe vítimas ao acaso ou as seleciona para causar impacto nos outros.” A violência é utilizada por um indivíduo ou entidade para manipular o alvo principal, exigindo demandas ou causando terror pela possibilidade da repetição do ato, provocando assim, uma sensação de insegurança e vulnerabilidade. A inversão das relações de superioridade promove uma situação de assimetria de poder, em que a possibilidade do terror está colocada.

“O ataque de 11 de setembro divulgou que os EUA é frágil: ao atacar o World Trade Center, os terroristas sabiam que não iam acabar com o



Reprodução

Os aviões, seqüestrados e desviados de suas rotas originais, colidiram, respectivamente, com as torres Norte e Sul do World Trade Center, em Nova York

Capitalismo, mas foi uma maneira de mostrar que o sistema é frágil. Atacar o Pentágono é atacar o símbolo do poder militar e a Casa Branca (ao que tudo indica), símbolo do poder político. Os alvos são escolhidos para fazer uma demonstração de fragilidade. Todos, ao redor do mundo, olharam aquelas imagens de morte, desespero. Logo depois, acompanharam o fechamento da Bolsa de Valores, do Congresso. A grande potência foi paralisada”, exemplifica Nasser.

Dentro dos Estados Unidos não existe um consenso para a definição do que pode ser considerado terrorismo. Porém há um fator comum entre as correntes de pensamento americanas: o terrorismo sempre é praticado por um órgão não-estatal. A ONU, inclusive, compartilha dessa conclusão, apesar de também não ter uma definição precisa quanto ao significado da palavra terror. O terrorismo, visto como uma forma de violência nas

relações humanas, é um tipo de ação que independe do ator e dos meios utilizados, cujo fim é ter maior participação no jogo de poder.

Essas definições, ao excluírem o Estado como um possível ator de ações terroristas, legitimam atos que violam os direitos humanos e que poderiam ser classificadas como terroristas segundo outras definições. Como, por exemplo, a utilização exacerbada da violência e da tortura em uma situação de guerra e o isolamento econômico que certas regiões do planeta sofrem, acarretando na degradação da dignidade humana em prol dos interesses econômicos de um grupo de potências mundiais dirigidas por uma elite parasita e capitalizada. Reginaldo Nasser reitera, contrapondo a definição que isenta o Estado: “Por que as bombas nucleares lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, por exemplo, não podem ser qualificadas como terrorismo? É possível perceber que quem mais praticou o terror na história foi o Estado.”

Há divergências também entre as concepções de terrorismo assumidas pelos dois últimos presidentes da potência norte-americana. “Ao longo desses dez anos, houve uma mudança fundamental na interpretação que os EUA fazem do terror; a interpretação de Bush, que era a interpretação do choque de civilizações e a interpretação de Obama, que é uma interpretação diferente, de que existe um conflito dentro do mundo árabe muçulmano, que é o conflito entre o jihadismo e as tendências modernizantes e democratizantes”, explica Demétrio Magnoli, sociólogo e doutor em Geografia.

A visão de George W. Bush respalda-se no conceito do choque entre o Oriente e o Ocidente, da impossibilidade de diálogo entre as nações de diferentes hemisférios do mundo. Barack Obama diferencia-se de seu antecessor em seu discurso no Cairo no início de 2009, quando disse: “É preciso que haja um esforço sustentado para ouvirmos uns aos outros; aprendermos uns com os outros; respeitarmos uns aos outros, e buscar terreno comum”. Logo em seguida, na mesma ocasião, o presidente americano completa: “Os ataques de 11 de setembro de 2001 e os esforços contínuos desses extremistas para praticar violências contra civis levaram alguns em meu país a enxergar o islã como sendo inevitavelmente hostil, não apenas à América e aos países ocidentais, mas também aos direitos humanos. Isso vem gerando mais medo e desconfiança.” Nessa fala, Obama confirma o preconceito de sua nação para/com a população árabe e, mais do que isso, ao utilizar-se do termo “extremistas”, ele implicitamente reitera a visão reducionista e taxativa de seu antecessor.

Outra concepção defende a existência de um velho e um novo terrorismo. O primeiro é visto de forma mais racional, aparentemente negociável e pragmático, proveniente de órgãos tangíveis. Já o mais recente é caracterizado pelo advento do fanatismo e da irracionalidade e é, inevitavelmente, atrelado à religião islâmica. A partir desse pensamento, John Lewis Gaddis, em seu artigo “E agora: lições da antiga era para a próxima” escreve: “O que vem emergindo é a perspectiva, mais uma vez, de ‘algo pior’ que um mundo dominado pelos americanos (...) Quicá o elemento mais importante que emerge desses acontecimentos é a idéia de que é possível identificar um novo inimigo global, o terrorismo (o ‘algo pior’), em substituição aos velhos *ismos* de capitalismo e socialismo que polarizaram o mundo durante a Guerra Fria.”

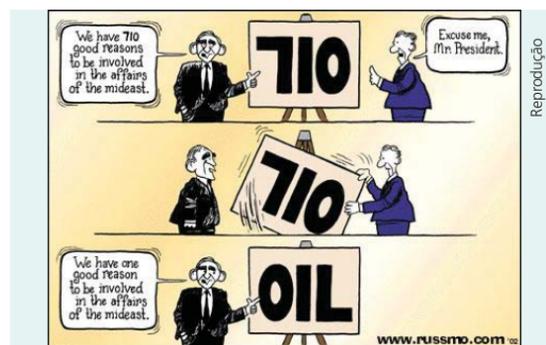
Contra quem lutar? – O inimigo tornou-se abstrato. No intuito de detê-lo, o governo norte-americano promove ofensivas ao país de origem dos indivíduos que supostamente cometeram um ato terrorista. O curioso é que nenhum dos 18 envolvidos nos sequestros das aeronaves, no 11 de setembro, era de origem afegã, e o país árabe nem ao menos possui um aeroporto que permitisse o treinamento para tais manobras executadas em 2001. No entanto, os EUA, como medida de prevenção e no intuito declarado de capturar os mentores dos atentados, iniciaram uma guerra contra o Afeganistão.

Essas atitudes estão presentes até hoje. No ano passado, a Secretária de Estado Hillary Clinton, ao saber que uma bomba implantada em Wall Street e retirada pelo esquadrão anti-bombas americano era propriedade de um paquistanês, disse que se alguma coisa acontecesse, ela temia pela sorte do Paquistão. Especialistas em explosivos declararam que aquele tipo de bomba pode ser feito em qualquer lugar, mais provavelmente nos EUA. O 11 de setembro permitiu a associação entre o ator do terrorismo e sua origem.

“**É POSSÍVEL PERCEBER QUE QUEM MAIS PRATICOU O TERROR NA HISTÓRIA FOI O ESTADO**”
(REGINALDO NASSER)

Estereótipos para definir o inimigo é o que não faltam aos estadunidenses e, conseqüentemente, à maioria dos outros países ocidentais. A religião islâmica passou a ter sua imagem relacionada com a prática do terrorismo. “Essa associação caiu no senso comum e, o que é pior, adentrou os meios intelectuais e universitários”, lamenta Nasser. Atualmente, a maioria dos atentados que acontecem no mundo são de fato provocados por associações que se reivindicam islâmicas, mas durante a década de 90 e início dos anos 2000 a organização que mais praticava terrorismo era a organização dos Tigres Tâmil, do Sri Lanka, Maoístas, não religiosa. Nos últimos dez anos, morreram muitos mais muçulmanos em função dos atentados do que ocidentais, pois a maioria das ações terroristas acontece dentro dos Estados islâmicos. Portanto, as variáveis políticas e econômicas predominam sobre as de advento religioso.

Recentemente, na Noruega, crianças foram assassinadas por um único homem dentro de uma escola em Oslo. Os principais veículos de comunicação apressaram-se em noticiar o caso como uma ação de um terrorista islâmico. No entanto, após a apuração dos fatos, tomou-se conhecimento de uma carta escrita pelo assassino Anders Behring Breivik, na qual estava explícita sua posição anti-islâmica. A imprensa, atrelada aos interesses de uma elite ocidental, fomenta o preconceito e o senso comum. Além disso, é falha ao se mostrar submissa a algumas medidas governamentais, como expõe Magnoli: “a imprensa se subordinou ao chamamento de coesão patriótica do governo Bush em torno da guerra ao terror. E demorou muito para cumprir o seu papel de denunciar as violações de princípios sobre liberdades civis e direitos humanos que a administração Bush realizou.”



A desculpa da necessidade da implantação da democracia nas comunidades árabes pelos “detentores dos direitos humanos”: os EUA

Guerra ao terror – Após os atentados de 11 de setembro, o então presidente, George W. Bush, deu início à implantação da chamada “Doutrina Bush”, na qual, segundo ela, o mundo é dividido entre o “Eixo do Bem” (EUA e aliados) e “Eixo do Mal” (Estados muçulmanos e Coréia do Norte). Guerras preventivas foram iniciadas no intuito de abafar supostas ameaças à superpotência americana. Essas batalhas e ocupações, alimentadas pela necessidade de possuir a principal matriz energética, o petróleo, e pelo desejo da hegemonia política mundial, aconteceram sob a

desculpa da necessidade da implantação da democracia nas comunidades árabes pelos “detentores dos direitos humanos”: os EUA.

A guerra ao terror se desdobrou em três frentes: uma frente como uma guerra tradicional, travado contra o Iraque e o Afeganistão; a segunda foi a criação da Secretária de Segurança Interna, pela qual o governo americano passou a ter um controle muito maior das liberdades civis e de comunicação; a terceira é pouco divulgada: a existência de ações realizadas pelo serviço secreto e operações especiais. Um exemplo delas é a execução de Osama Bin Laden: as tropas entram em territórios alheios sem a autorização dos outros países e realizam execuções, prisões ou assassinatos, violando normas do Direito Internacional.

Segundo Reginaldo Nasser, o Direito Internacional livra algumas aplicações executadas pelos Estados, pois a cúpula governamental alega que são ações não intencionais. As mortes de civis causadas pela Guerra ao Terror são justificadas pelo “efeito colateral”; por exemplo, joga-se uma bomba para matar um terrorista e outras 5 mil pessoas são atingidas, mas não era a intenção do Estado ceifar a vida de inocentes, livrando-o do julgamento por crimes contra a humanidade. “Parece até que o mundo está melhorando, porque o número de crimes humanitários diminuiu, mas o de ‘efeitos colaterais’ aumentou tremendamente; é uma retórica”, diz o professor.

A caça aos terroristas é um pretexto utilizado pelos EUA para levar a diante suas guerras em busca de poder político e econômico no Oriente Médio, essa motivação culminou na morte de Osama Bin Laden, em maio deste ano. Obviamente, ele já estava afastado de suas funções na liderança da Al-Qaeda por ser o homem mais caçado do mundo, mas representou a personificação do terrorismo, esse inimigo invisível e temido. Mas sua morte não passou de um acontecimento simbólico que não altera nada na situação atual da guerra ao terror.

Ersen Martins de Oliveira, professor do Departamento de Artes da PUC-SP e diretor da APRO-PUC analisa a real causa da ofensiva aos territórios árabes e a aparente irreversibilidade da política expansionista dos EUA: “Não há dúvida de que George W. Bush encontrou o pretexto (ataque às Torres Gêmeas) que precisava para avançar em sua política intervencionista. A ocupação do Afeganistão seguiu a mesma diretriz de ocupação do Iraque e a intenção de fazer o mesmo com o Irã. A crise econômica que explodiu no fim do governo republicano e no começo do democrata já vinha se desenvolvendo. As tendências bélicas do imperialismo afloraram nessas circunstâncias. (...) Observamos que Obama não teve como reverter essa tendência, apesar de mascarar-la com a ideologia do multilateralismo. A intervenção na Líbia por meio de uma aliança imperialista é a prova de que não adiantou enfraquecer a Al-Qaeda. Os EUA estão mergulhados na crise e com ele todo o capitalismo. Os seus interesses particulares e os interesses gerais do capitalismo mundial empurram a burguesia norte-americana e europeia a intensificar a opressão sobre as nações semicolônias. Depois do Iraque, Afeganistão e Líbia, somente podemos esperar o pior”.

95% dos atentados ocorrem em locais em que existem ocupações militares. O número de ações terroristas aumentou exponencialmente após o 11 de setembro e o início da chamada “Guerra ao Terror”. Reginaldo Nasser: “Então, acabando com a ocupação militar, acabará o terrorismo. Os ataques estão associados a isso e não à interdição do Osama Bin Laden ou à caça a qualquer outro. Sempre haverá um inimigo número dois em potencial e assim em diante”.

(Para saber mais sobre a opinião do professor Reginaldo Nasser, leia a entrevista da página 24).